

B. DAVIES  
17 June 2011

O legado de Amílcar Cabral (1924-73) vive em várias realizações históricas, cada uma das quais marcou a tendência e a índole dos nossos tempos. Mais óbvio e directamente, essas realizações poderão encontrar-se nas consequências de libertação anticolonial na Guiné Portuguesa e em Cabo Verde, consequências que fluíram, em maior ou menor grau e continuam a fluir, de uma prática e teoria inseparavelmente ligadas à acção e ao pensamento de Amílcar Cabral. Outras realizações, menos directas mas não menos evidentes, podem ver-se na contribuição de Cabral na elaboração de estratégias de libertação nacional num contexto mais vasto, principalmente, o próprio contexto geral africano. E outras ainda, políticas - tanto quanto operantes, mas mesmo assim com uma significação decisiva, tomaram forma a partir da influência de Cabral no pensamento de não-africanos preocupados com questões gerais ou específicas de mudança socio-cultural - transpõem a revolução - no mundo em que vivemos agora.

Que tipo de pessoa pôde fazer tudo isso? Cabral foi um homem de grande complexidade e largura de espírito, cujo génio e temperamento puderam projectar, e muitas vezes projectaram, efectivamente, uma grande simplicidade de objectivo. Tomado superficialmente, isto pode ser ilusório, a paragem de Cabral para a simplicidade de objectivo tinha passado, de facto, por uma árdua luta intelectual e emocional e a face de Curcul e de convicção que daí adquiriu reside também na sua capacidade de compreender as lutas íntimas dos outros, por mais diferentes que estes pudessem ser dele. Mas a impressão de simplicidade de objectivo nunca iludiu a sua essência. Estemos fôr e um intelectual - alguém, na verdade, de raro e brilhante talento - que acreditava que chegar a conclusões e não agir em consequência, era autojustificação ou mera farsa. Ao mesmo tempo, Cabral... acreditava que...

acreditava que enquanto houvesse quem agir é necessariamente inútil ou inoperante, a acção não fundamentada pelo homem esteve endeçada ao fracasso: ou, mais precisamente, que a acção que não fosse fundamentada em teoria efectiva - em teoria apropriada - correspondia somente a uma via para a decepção e, por consequente, para a derrota.

Tais convicções, aliadas é feita extraordinariamente corajosa de que se apresentava diante a sua própria morte, conferiam-lhe um poder de liderança muito pouco vulgar nas sociedades de Africa colonial dos últimos tempos e, posteriormente, em algumas das sociedades dos nossos dias. O que o tornou ainda mais insulgar foi que a acção que ele propôs e levou a cabo e a teoria que dela extraiu e que mais tarde a alimentou, foram capazes de ter êxito nas situações mais hostis e difíceis: precisamente, as situações que ele tinha conhecido experienta. Cito é uma densa inflexional. Não devesse se esquecer daqueles que se desviam do caminho, ainda que hem intencionalmente, e preferem deixá-los vagar e serem esquecidos. Não não esqueceré Cabral.

Este ensaio preocupa-se pouco com o registo de acontecimentos. Estes são bem conhecidos, ou podem ser consultados em documentação variada e sob ópticas diferentes. Neste aspecto houve, ainda; o êxito adicional de Cabral - além disso, antes de adicional não deve ser considerado de todo pouco fraco e pouco? - o de ser capaz de se explicar. Combinando rigor com notável capacidade de exposição, Cabral explicava-se em cada fase importante e a cada audiência que ele considerasse vital ou merecedora de uma explicação: primeiro e antes de tudo, em Lisboa da Quina, para aqueles que lhe concederam a liderança, jovens ou velhos, camponeses ou pequenos-burgueses; a seguir em português para quem falasse esse língua; mais tarde em francês e finalmente, em inglês para audiências na Europa ou na América e para visitantes estrangeiros.

Ele escreveu sempre, desde a poesia da sua juventude às palestras e conferências que lhe tornavam inúmeros leitores de todo o mundo, assim como os periódicos "relatórios sobre o desenvolvimento da luta", nos quais registava o avanço, os caminhos dos acontecimentos e muitos outros aspectos. Os seus textos publicados consubstanciavam a sua acção e pensamento. Elas são relativamente abundantes embora constituam somente uma pequena parte de tudo o que ele discutia e que se encontra publicado. Todos eles estão marcados por duas características. A primeira é a sua coerência: o que ele escreveu para uso e consumo "externo" é exactamente o que escreveu, ainda que em estilo e forma diferentes, para os militantes que o seguiam. A outra é o seu estilo rigoroso político: nada de retórica vazia, de verbalismo "revolucionário", de empolamento ou de veleidades. (2)

As questões teóricas aqui podem, por conseguinte, tomar os factos como certos, no entanto, o mais simples resumo pode ser útil. Claramente em 1956, Cabral formou, com mais cinco homens, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Seguiram-se seis anos de lutas, e anos políticos, experiências e esforços, e então, a partir de Janeiro de 1963, onze anos de luta armada anticolonial infatigavelmente ligada a novos profusos no campo político, sempre em circunstâncias extremamente difíceis quase até ao fim. Em 1974 o PAIGC conquistou a liberdade total, e incondicional para a Guiné, arrancando e independentemente a uma potência colonial derrotada tanto militar como politicamente, e, doze <sup>meses</sup> mais tarde, conquistou também a independência de Cabo Verde. Este êxito notável foi coroado, além do mais, por um outro, em alguns aspectos, ainda mais extraordinário. As ideias, os métodos e os princípios do PAIGC tiveram o seu efeito prático sobre o inimigo colonial e, em grau significativo, estão "na base do Movimento das Forças Armadas" que derrubou a ditadura em Portugal e tornou possível o fim

de guerra colonial. Quando é que acabam, têm as suas mudanças...

3  
evolucionária em África contribuído para fomentar uma transformação evolu-  
civária na Europa? Não rezavam "todos os livros" que tal crise era impos-  
sível, mesmo impensável? Apesar de tudo, aconteceu; e este foi outro parte do  
legado de Cabral.

Cabral foi assassinado por agentes de ditadura portuguesa em Janeiro  
de 1973, um dos últimos e mais sinistros actos de fabricidade daquele regime  
já então agonizante. Tinha somente quarenta e nove anos e estava no auge  
da sua energia e capacidade intelectual. Pode-se somente especular, inutil-  
mente, sobre o que ele teria feito do resto de sua vida. Além disso, é  
evidente que a dimensão total do seu legado ainda está por ser revelada.  
Mesmo assim, pode-se de alguma utilidade obter uma avaliação,  
mesmo tentativamente, do valor das suas ideias, projectos e concepções  
no contexto de sua época: isto é, o último período colonial e neo-colonial-  
ou se preferir, o período do capitalismo transicional - que se fecha alguma  
vez no fim. Este documento é oferecido como uma contribuição para esse  
tipo de avaliação.

## II

De julgar pelo volume crescente de comentários, muitas das concepções de  
Cabral têm atraído a atenção de um vasto público. Uma delas é o seu  
conceito de liderança da pequena burguesia colonial que tem de "cometer  
suicídio" no seu encargo de classe (e interesses de classe) para poder diri-  
gir para além de um nacionalismo meramente reformista (isto é, neocoloni-  
alista ou colaboracionista). Outro conceito é o da libertação nacional como  
envolvendo necessariamente e precisamente esta direcção - para além do reformismo  
que os "renascidos" pequeno-burgueses evolucionários têm de assumir, mais  
ou, como ele o explicava sercintamente, qualquer libertação real tem de ser  
um processo revolucionário.

Algumas considerações acerca destes conceitos no seu aspecto politico talvez revelem uma nova e ainda mais profunda dimensão do seu legado aos africanos e provavelmente, tambem a outros povos.

Os historiadores podem às vezes pensar que o velho reducionismo dos antropólogos sociais, segundo a relevância de processo, se tenha repetido entre os sociólogos politicos em ultimos anos. Os antropólogos, como acabei, fizeram a sua mostra culpe por terem voltado as costas à historia há muito tempo, na realidade, tem tempo quanto a famosa polemica de 1950 de Evans - Hitchcock (4): mas dificilmente parece que os seus sucessores sociologicos, que evocou em mãos os louros de ciência politica, tenham ponderado acerca das implicações dessa viragem. O Neocriticismo pode ter sucedido, assim como os simbolos (ou seu conteúdo a que?) do debate: um ou outro funcionalismo é utilizado, um ou outro estruturalismo é introduzido. Mas o processo, como um factor dinâmico na situação, ainda parece sentir-se esquecido.

A versão moderna de um estudo naturalista da sociedade, encarnada Evans - Hitchcock em sua polemica de Mauret,

"pretende que para a compreensão do funcionamento de uma sociedade não há mais necessidade para o estudante conhecer algo a respeito de sua historia do que a necessidade do fisiologista de conhecer a historia de um organismo para o compreender. Ambos são sistemas naturais e podem ser descritos em termos das leis da natureza sem recurso à historia..."

Mas será a pretensão muito diferente, hoje, entre os acadêmicos, incluindo aqueles que possuem utilidade ou instrumento de análise marxista? Estes, concubino, não fazem referência às "leis naturais" no sentido de Evans-Hitchard há mais de trinta anos; mas no lugar destas "leis naturais" parece muito ser estar introduzido subrepticiamente nos seus trabalhos outro tipo de lei que não é nenhumas imperativa (ou misteriosa). Estas novas "leis naturais" referem-se, usualmente, às atitudes de classe, cristalizações ou tendências de cristalização de classe, potencialidades de classe de acordo com esquemas aceites; e tudo isto parece - não se pode fazer outra coisa senão observar - para a preocupação de mergulhar a sua beleza primitiva no banho de vida real: isto é, nas realidades em processo como registadas e reveladas pela história de ideias, factos e acontecimentos. Assim, a "teoria do suicídio da pequena burguesia" atribuída a Collet é tomada, utilizada mais como um "determinado primitivo" num debate generalizado do que aquilo que realmente foi ou é - uma opção estritamente limitada numa situação, precisamente deficiente. O velho Marx, pode-se dizer, não ver mais estas a revolver-se no seu sepulchro.

Um experimento sociológico de Tarsônie escreveu recentemente um livro elucidativo intitulado Beyond Ujamaa e foi, em resumo, felicitado pela franqueza em que abandonou este conceito e debate. Tive o legado de Collet algum valor aqui? Evidentemente não. Coeur-Hyden achou que:

"A ideia de que a pequena burguesia africana deve se capaz de cometer "suicídio de classe", como Amílcar Collet chegou a dizer, é dificilmente compatível com as realidades da África contemporânea".

É isto foi tudo quanto Hyden achou útil dizer sobre o assunto. Se de Jean Razès, então, é evidente que tem pouco interesse em discutir o Collet e as suas ideias.

Qualquer pessoa com experiência relevante que pudesse sugerir que "a pequena burguesia africana" em massa alguma vez cometeria suicídio de classe, quando lhe fossem concedidas as rédeas do poder do estado ou as conquistasse, tem necessariamente de ser um optimista imitil ou um involuado idiota. Cabral não foi, contudo, esse tipo de pessoa e não pretendeu tão estulto "desfecho". Só pode ser, supondo, que este escritor da Teoria simplesmente não quis preocupar-se em descobrir o que Cabral efectivamente pretendia, mas preferiu elaborar um discurso subtil e preciso como se fosse um outro "símbolo deluminado", numa espécie de "venimite Aunt Sally a ser destruído" por algum consolo missal de análise superior.

O facto é que Cabral, sejam quais forem os seus defeitos de análise (e certamente teve alguns) nunca cometeu o erro de argumentar a partir de ignorância: isto é, o de tentar argumentar para além dos limites do seu próprio processo histórico. Se mais ou menos nem sempre ele cedeu (mas nem sempre) à tentação de generalizações intelectuais, ele mesmo mesmo foi sempre cuidadoso em argumentar por analogia: dizendo, efectivamente, que "se a nome situação for comparável é nossa, dentro dos limites dessa situação na Guiné ou Cabo Verde, então poderás esperar que isto se aqui se repete!" Assim, relembremos o que ele realmente disse a respeito da pequena burguesia e do seu tão inverosímil suicídio como classe. As referências essenciais não são excepções como Hyden pensou, mas apareceram, pelo menos, em duas ocasiões públicas: uma vez durante a sua plática sobre a estrutura social - Ao de Guiné, modo - e - profissão em Milão em 1964, e depois no seu discurso de Havana em 1966, bem conhecido pelo seu título, "A Teoria de Teoria!"



Aqui, o seu ponto central foi que a Guiné não possuía nem "uma burguesia nacional" nem uma classe operária de qualquer modo conscientes de sua natureza e das suas potencialidades. Como instrumento possível para executar o processo de mudança, havia ali então o início de uma pequena burguesia - ou em termos de classe, o seu subclasse - que tinha aprendido a utilizar o aparelho do Estado através da sua posição subclasse, instável e semiprivilegiada na sociedade colonial:

"Esta é a única camada capaz de controlar ou mesmo utilizar os instrumentos que o Estado colonial emprega contra o nosso povo. Assim chegamos à conclusão de que na situação colonial é a pequena burguesia a herdeira do poder do Estado (ainda que eu desejasse estar errado neste conclusão). No momento em que chega a libertação nacional e a pequena burguesia assume o poder, entramos em melhor expressão é historicamente, assim, as contradições internas manifestam-se de novo."

Como vemos, não se trata de supor que a pequena burguesia, enquanto tal, cometerá, alguma vez, o suicídio para dirigir a revolução. Pelo contrário, neste base do seu pensamento (1963-64) e face às realidades concretas do que então estava a acontecer em África (especialmente na África Ocidental) de se estar mesmo tentado a argumentar que todo o processo de "libertação" colonial, tendo em conta a realidade de então, poderia, razoavelmente, ser visto como "uma iniciativa do inimigo!"

"O objectivo dos países imperialistas em impedir o alargamento do campo socialista, libertar as forças reaccionárias nos nossos países que então estavam e se abafadas pelo colonialismo e dar a essas forças a possibilidade de se aliarem à burguesia internacional. O objectivo fundamental era claro, onde ainda não existisse, uma burguesia destinada especificamente a reforçar o campo imperialista e capitalista..."

Que se devia fazer então? Seguiu o caminho e deixou-le conduzir a história para onde quer que ele vá? Submetu-se ao poder autoritário da ditadura portuguesa e aguardar melhores dias? Muitos pensavam assim. Mas a escolha de Cabral e dos poucos que o seguiam, foi a de criar um "partido de luta" e utilizar esse partido como uma arma real de mudança. Procuravam a classe operária que era a única capaz, como muitos fizes de Guiné, tinham dito, de dirigir esse tipo de luta; e não a encontraram. Procuravam intelectuais revolucionários dispostos ao "suicídio de classe" e não os encontraram. Procuravam também; em toda a história de Guiné, menos do que uma dúzia de africanos (ou mestiços: assimilados) tinham atingido um grau superior de instrução e a maior parte deles os tinha promovido ou esteve ao seu lado directo da ditadura colonial. Ficaram alguns indivíduos dispersos de pequena burguesia: não muitos, como se verificou, mas um pequeno grupo. "E assim nasceu este pequeno grupo!"

Aqui reside o essencial do processo. Porque, o que foi feito por este pequeno grupo de homens, primeiro com hesitação e depois decididamente a partir do agosto de 1959, foi voltar as costas ao grosso de pequena burguesia e lançar-se eles próprios e agir como o sector revolucionário de uma classe operária que, efectivamente, não existe. Eles definiram-se com tal e assim agiram, atraindo tanto quanto se um copo de trabalho em anabolizantes em Bissau ali que, com maiores esforços - tendo preparado cerca de 1000 militantes (ou quadros, em sua linguagem) a partir do fim de 1962 - começaram a ganhar o apoio - depois a participação das massas camponesas. Não por um pequeno grupo de pequenos burgueses, mas por um movimento capaz de se transformar numa revolução. Qual foi a originalidade disto? O mesmo aconteceu algumas em África, nomeadamente em Moçambique e em Angola. Mas em pouco que é uma

originalidade, em relação a cada um desses casos, foi verdadeiramente autêntica. Isto é, resultou de uma determinada situação de homens e mulheres cuja formação política não tinha qualquer ligação intencional, ou se a tivesse, era bastante insignificante.